

E agora?

Cenatexto

Após receber o convite de seu cliente, Guedim, entre surpreso e feliz, pôs-se a engraxar seus próprios sapatos. E agora? Que decisão ele tomará?

A euforia de Marcos foi mesmo contagiante. Desde o momento que ele passou pelo aeroporto, a irritação e o mau humor do engraxate deram lugar a uma alegria expansiva. Seus pensamentos iam a mil por hora, neles não havia mais carro zero, nem telefone celular. Havia apenas o nome de uma rua, um horário e um número de telefone. Por esse número Guedim esperava obter uma série de respostas para suas perguntas, como: Precisaria comprar material? Haveria diploma? Quanto tempo de duração? Em que bairro se localizaria aquela rua? Que ônibus passaria próximo? Teria um computador só pra ele? Quanto tempo ainda teria de trabalhar como engraxate? Essa última pergunta era praticamente um grito de alívio. Encontrara a luz no fim do túnel! Com obsessão ele conferia o cartão em seu bolso, apesar de já ter decorado o que nele estava escrito. Um pedacinho de papel era a conexão concreta entre seu sonho e a realidade.

Parada para o almoço. Guedim entrou na lanchonete e comprou muitas fichas telefônicas. A secretária parecia não querer ajudá-lo: "Infelizmente, telefone da residência não estou autorizada. Mesmo se você conseguir falar com ele não sei se vai adiantar, as turmas já estão completas."



E agora? Onde enfiaria aquele monte de fichas e de planos? Se pelo menos tivesse a chance de falar com seu freguês, mas aquela secretária era como um osso duro de roer. Nova onda de alegria: o sobrenome escrito no cartão poderia levá-lo ao número do telefone negado.

Apenas duas fichas foram necessárias para que Marcos sugerisse que Guedim o encontrasse no endereço indicado no cartão. Lá conversaria e o garoto seria apresentado à secretária para que a matrícula e a mensalidade não fossem cobradas. A ficha teria que ser preenchida, a taxa de material paga. Guedim até poderia começar a frequentar as aulas naquela tarde mesmo.

As primeiras aulas são fundamentais. – esclareceu o seu freguês.

Logo Guedim desligou o telefone.

E agora? Não passou pela sua cabeça que tudo seria assim, tão imediato. O dinheiro que tinha era curto, o curso ficava longe. Não queria gastar dinheiro com dois ônibus.

E agora?

— Pernas pra que te quero! – gritou Guedim, iniciando uma corrida até o ponto de ônibus que o levaria até o endereço do cartão.



Releia o seguinte trecho da Cenatexto: “Com **obsessão** ele conferia o **cartão** em seu bolso (...)”

Veja como as palavras em destaque aparecem no dicionário:

obsessão. [Do lat. *obsessione*.] s. f. **1.** Impertinência, perseguição, vexação. **2. fig.** Preocupação com determinada idéia que domina doentamente o espírito; idéia fixa; mania.

1. Reescreva a frase destacada da Cenatexto, substituindo a palavra *obsessão* por outra que tenha um sentido apropriado.

.....

2. Indique o sentido em que a palavra *obsessão* foi usada na seguinte frase: *Ele queria mudar de profissão e esse desejo já se tornara uma **obsessão**.*

.....

A palavra *cartão* é muito significativa nesta Cenatexto, pois representa o elo de ligação entre o sonho de Guedim e sua realidade. É também o cartão que faz surgir todos os conflitos e emoções do personagem.

cartão. [Do it. *cartone*.] s. m. **1. ind. pap.** Folha composta de camadas de papel coladas entre si e que segundo a grossura se classifica como cartolina ou papelão (neste último caso, usualmente quando supera meio milímetro). **2.** Retângulo de cartão que utilizamos para escrever. **3.** Bilhete, ingresso, senha.

Dicionário

Veja outras expressões em que essa palavra aparece, bem como seus respectivos significados:

- * **cartão de crédito:** Documento dado pelas casas bancárias ou quaisquer outras instituições financeiras e que autoriza o usuário a ser debitado em compras ou outros serviços prestados.
- * **cartão-postal:** Retângulo de papel que tem numa das faces uma fotografia ou uma ilustração e na outra um espaço reservado para correspondência.
- * **cartão-folha:** Papelão amarelado, feito com pasta de palha e usada no fabrico de caixas.
- * **cartão de visita:** Pequeno retângulo de cartolina onde está impresso o nome do seu dono (por vezes trazendo endereço, profissão e telefone) que o entrega a alguém em sinal de anúncio de visita ou mesmo para indicar a sua residência.

3. Leia as frases seguintes e indique a que tipo de *cartão* elas se referem:

a) Fazia tempo que Guedim não via o freguês que lhe deixara o **cartão**.

.....

b) O Marcos foi às compras, levando o **cartão**.

.....

c) Ao viajar, Marcos prometeu-lhe mandar algum **cartão**.

.....

4. Consulte no dicionário o significado da palavra **conexão**.

.....



Entendimento

A Cenatexto começa com a seguinte frase: “A euforia de Marcos foi mesmo contagiante.”

1. Relacionando essa frase com a Cenatexto da aula 87, indique:
 - a) A causa da euforia de Marcos.
 - b) Quem foi contagiado pela euforia de Marcos.
 - c) A causa da euforia de quem foi contagiado.
2. Identifique no primeiro parágrafo da Cenatexto a passagem que comprova que o convite de Marcos fez com que os devaneios de Guedim fossem substituídos pela realidade.
3. Explique por que Guedim conferia obsessivamente o cartão que Marcos lhe dera.
4. É muito comum surgirem empecilhos quando planejamos realizar algo. Vencê-los, buscar soluções para eles é a marca de quem quer realmente alcançar seus objetivos.
Releia a Cenatexto e aponte:
 - a) os empecilhos que surgiram para o personagem;
 - b) a solução encontrada para cada um deles.

A **sintaxe** é a parte da gramática que se ocupa das relações e das combinações das palavras na frase. Assim, se ocupa também com a função que as palavras exercem na frase: a **função sintática**. Pela **análise sintática** podemos descobrir a função dos termos em uma frase. Esses termos são agrupados em três grupos:

Termos essenciais: aqueles que são indispensáveis.

Termos integrantes: aqueles que completam o sentido de outros.

Termos acessórios: aqueles que são dispensáveis.

Veja a seguir um resumo dos termos da oração:

TERMOS ESSENCIAIS	DEFINIÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
SUJEITO	É o termo do qual se declara alguma coisa.	· Sujeito simples · Sujeito composto · Sujeito indeterminado · Sujeito inexistente (ou oração sem sujeito)
PREDICADO	É aquilo que se declara a respeito do sujeito.	· Predicado verbal · Predicado nominal · Predicado verbo-nominal

TERMOS ESSENCIAIS	DEFINIÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
COMPLEMENTOS VERBAIS	São os termos que completam o sentido dos verbos transitivos.	· Objeto direto · Objeto indireto
COMPLEMENTO NOMINAL	É o termo que completa o sentido de um nome.	
AGENTE DA PASSIVA	É o termo que passa a ser o novo agente quando a oração é reformulada de modo que o objeto se converta em sujeito que sofre a ação.	

TERMOS ESSENCIAIS	DEFINIÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
ADJUNTO ADNOMINAL	É o termo que caracteriza ou determina os substantivos.	
ADJUNTO ADVERBIAL	É a função exercida pelos advérbios e locuções adverbiais.	
APOSTO	É o termo que se refere a um substantivo ou pronome, dando-lhe uma explicação.	
VOCATIVO	É o termo que expressa chamamento dirigido ao interlocutor.	

Reflexão

Guedim quer mudar de vida. Quer deixar de engraxar sapatos de dia e estudar à noite. Ele aspirava a uma vida com mais conforto, mais prazer.

Você acha que no mundo de hoje é possível “subir na vida” vivendo honestamente e sem causar prejuízo aos outros?

Por que há tantas desigualdades sociais no mundo?

Basta um curso ou um diploma para que a vida fique mais fácil e as desigualdades diminuam? Para termos o que sonhamos basta querermos com muita vontade?

Você acha que pobres são os que nasceram sem sorte e ricos os que nasceram com sorte?

Querer ter o suficiente para satisfazer as necessidades e realizar alguns sonhos é ser ambicioso?

Vimos na Cenatexto que a secretária representou um obstáculo para a realização dos sonhos de Guedim. Ele, porém, não desanimou. Como você acha que as pessoas deveriam proceder diante das dificuldades que aparecem para atrapalhar seus sonhos?

Você viu que o personagem Guedim imaginava-se num escritório com “as mãos sem mancha de graxa”. Ele pretendia usá-las para um outro ofício, uma outra atividade que pudesse lhe proporcionar uma nova e melhor condição social. Assim ele ficava sonhando que poderia trabalhar com digitação em computadores.

Veja no texto a seguir como o escritor e jornalista Carlos Heitor Cony destaca as mãos de um homem para falar de seu ofício, suas habilidades, seu lazer e sua capacidade. Neste texto as mãos são usadas para representar um homem e sua trajetória de vida.

As mãos do homem

Luta cruel, desigual: o homem teimava em viver, julgava que tinha o direito de viver para sempre, por isso nunca pensara em enriquecer, em fazer nada que não fosse pura e belamente “viver”. Fazia tudo o que tinha vontade e no dia em que completou 90 anos foi comer o angu do Gomes, na Praça Quinze, com bastante pimenta e abrideiras que nunca fechavam seu apetite. Depois entrou numa agência de viagens e assuntou complicada viagem pela Amazônia. Foi parar na Terra do Fogo, três meses mais tarde.

Essa fome de viver acabara no último Natal: ele quis descer para a sala, fazer a ceia com muito vinho e castanhas – adorava castanhas e rabanadas, que ele molhava no vinho do Porto. A fraqueza o impediu: ficou lá em cima e mastigou sem alegria algumas passas, olhando as paredes – sobram sempre as paredes para aqueles que vão morrer. Depois, a etapa derradeira: o corpo pifara, somente as mãos se mexiam, querendo abraçar as pessoas que o cercavam. Agora, tudo acabara.

As mãos estão quietas, pousadas sobre o peito, no formato final e imóvel. Mãos que se gastaram em 50 anos de jornalismo antigo: apareceram as máquinas de escrever nas velhas redações, ele tivera dificuldade, tentara se adaptar, mas só sabia pensar “a lápis”. Mãos espertas em muitos ofícios do viver, faziam presépios encantados, a cada final de ano. Em junho, seus balões eram famosos, vinha gente de fora, de São Paulo e Minas, ver as lanternas imensas e iluminadas que ele soltava para a noite. Mãos que ensinaram o filho a escrever: até hoje – e depois de tantos trancos e barrancos – o filho ainda tem a mesma letra inclinada e confusa do pai.

Sim, ali estão aquelas mãos, quietas, para nunca mais. Mãos que nem pareciam cansadas: apenas repousavam sobre o peito, finda a maravilhosa aventura.

Mãos que começaram a ficar mais brancas e mais quietas. Dentro delas, o nada. Onada cheio de tudo o que ele fora, o que ele quisera ser, o que ele soubera viver. Mãos que, antes que se apagassem definitivamente, pareciam as mesmas: mãos de um homem. Mãos de meu pai.

Fonte: Carlos Heitor Cony, “As mãos do homem”, *Jornal Folha de S. Paulo*, julho de 1993.

Saideira



